

BALAIOS DE HISTÓRIAS: DO “ÍNDIO MUSEOLÓGICO” À DIVERSIDADE DOS POVOS INDÍGENAS BRASILEIROS

HISTORY HAMPERS: FROM THE “MUSEOLOGICAL INDIAN” TO THE DIVERSITY OF BRASILIAN INDIGENOUS PEOPLES

CESTAS DE HISTORIAS: DEL “INDIO DE MUSEO” A LA DIVERSIDAD DE LOS PUEBLOS INDÍGENAS BRASILEÑOS

Alexsandra Flávia Bezerra de Oliveira¹

RESUMO: Este trabalho apresenta um relato de experiência vivenciada no componente curricular História através de um projeto que levou diversas atividades para as turmas dos 6º Anos A e B da Escola Professora Maurina Rodrigues dos Santos sobre os povos indígenas brasileiros objetivando desconstruir a visão estereotipada sobre os povos originários e construir o reconhecimento da diversidade histórica e cultural desses povos no passado e no presente. Referenciou-se a Lei 11.645/2008 que torna obrigatório o ensino de História e cultura afro-brasileira e indígena, nos escritos do professor Edson Silva (2013), etc., para reconhecer a ideia do “índio museológico”, estereotipado, trabalhar a sua desconstrução e partir para novos conhecimentos através de estudo de textos, imagens, paradidáticos, palestra com representantes do Povo Indígena Atikum de Salgueiros, entre outros. Ao final avaliou-se positivamente os trabalhos realizados notando-se que houve o despertar para a valorização e o respeito da diversidade humana e dos povos indígenas.

Palavras-chave: Povos indígenas; Desconstrução de estereótipos; Respeito à diversidade.

ABSTRACT: *This work presents an experience report lived in the curricular component History through a project that took several activities to the classes 6º Years A and B from the School Professora Maurina Rodrigues dos Santos on Brazilian indigenous peoples, aiming to deconstruct the stereotyped view of indigenous peoples and build recognition of the historical and cultural diversity in the past and present. Reference in Law 11.645/2008, which makes the teaching of Afro-Brazilian and indigenous History and culture mandatory, in the writings of Edson Silva (2013), etc., to recognize the idea of the stereotyped “museological Indian”, working its deconstruction and move on to new knowledge through the study of texts, images, paradidactics, lectures with representatives of the Indigenous People Atikum de Salgueiros, among others. At the end, the work carried out was positively evaluated, noting that there was an awakening to the appreciation and respect of human diversity and indigenous peoples.*

Keywords: *Indigenous peoples; Deconstruction of stereotypes; Respect for diversity.*

RESUMEN: *Este trabajo presenta un relato de la experiencia vivida en el componente curricular de Historia a través de un proyecto que llevó varias actividades a las clases de 6º año A y B de la Escola Professora Maurina Rodrigues dos Santos sobre los pueblos indígenas brasileños, con el objetivo de desconstruir la visión estereotipada de los pueblos originarios. ... y generar reconocimiento de la diversidad histórica y cultural de estos pueblos en el pasado y el presente. Se hizo referencia a la Ley 11.645/2008, que hace obligatoria la enseñanza de la Historia y la cultura afrobrasileña e indígena, en los escritos del profesor Edson Silva (2013),*

¹ Mestra e doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Graduada em Pedagogia pela Faculdade Educacional da Lapa. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-9586-3326> E-mail: alexsandrafbo@gmail.com

etc., para reconhecer la idea del estereotipo de “museo indio”. ”, trabajando su deconstrucción y avanzar hacia nuevos conocimientos a través del estudio de textos, imágenes, paradidáctica, charlas con representantes del Pueblo Indígena Atikum de Salgueiros, entre otros. Al final se evaluó positivamente el trabajo realizado, advirtiendo que hubo un despertar al aprecio y respeto por la diversidad humana y los pueblos indígenas.

Palabras-clave: *Pueblos indígenas; Deconstrucción de estereótipos; Respeto a la diversidad.*

Introdução

A educação escolar é um forte veículo de reprodução, mas também de transformação de ideias, cosmovisões e de mundo (Bourdieu; Passeron, 2008; Freire, 1996; Giroux, 1986). Sob essa ótica pôde-se observar as relações de reprodução que existem na escola em torno da figura do “índio”. Os povos indígenas são, historicamente, representados de modo folclórico, sendo colocados como indivíduos exóticos ou até mesmo dentro de uma visão romântica aos moldes de José de Alencar em Iracema. Fato é que se criou um estereótipo de “índio museológico”, ou seja, aquele que parou no tempo e vive estático no tempo e no espaço.

O professor Edson Silva (2013) nos alerta para isso quando coloca que:

Nas imagens e discursos sobre os “índios”, seja no ensino desde o nível básico e até mesmo na universidade, seja na mídia e no senso comum, ainda predomina o apelo a folclorização, ao exotismo e ao romantismo. Desconhece-se, ignora-se em muito os povos indígenas, as suas experiências, suas expressões socioculturais, os conflitos que vivenciam, as mobilizações pelo reconhecimento das suas organizações sociopolíticas por reivindicações, conquistas e garantia de seus direitos (Silva, 2013, p. 2-3).

Essa ideia errônea é reproduzida na escola à medida que, em sua grande maioria, se mostra os povos indígenas como se fossem uma unidade, ou seja, são grupos de pessoas diferentes que dividem os mesmos costumes, tradições e modo de vida. Quando se trabalha somente o indígena do passado homogeneizando-o e sem, no entanto, elucidar para as transformações ocorridas ao longo dos anos. Silva (2013) coloca que a escola ainda é uma grande responsável por essa reprodução estereotipada quando, principalmente na Educação Infantil, se comemora o “Dia do Índio” com trabalhos que mostram somente ocas, “tribos”, pessoas com penachos na cabeça, nuas e fazendo barulhos com a boca, etc., com o objetivo de lhes fazer uma homenagem, mas:

Como essas imagens ficarão gravadas na memória dos/as estudantes desde tão cedo? Quais serão suas atitudes quando se depararem com os índios reais? Quais as consequências da reprodução dessas desinformações sobre a diversidade étnica existente no nosso país? (Silva, 2013, p. 3).

As consequências dessa reprodução foram visualizadas entre os/as estudantes dos 6º Anos A e B da Escola de Referência em ensino Fundamental e Médio (EREFEM) Professora

Maurina Rodrigues dos Santos quando, nas aulas de História, ao tratar sobre os povos originários a referência que traziam era sempre da figura museológica e estereotipada do “índio”. Ao se depararem com povos indígenas que, na atualidade, vivem em cidades ou em aldeias com escolas, unidades de saúde, acesso à internet, etc., tiveram dificuldade de compreendê-los como indígenas. Assim como, muitos apresentaram desconhecer o povo indígena Atikum da Aldeia Massapê localizada em Salgueiro, município em que todos os/as estudantes habitam e se localiza a EREFEM Professora Maurina Rodrigues dos Santos.

A partir do diagnóstico desse desconhecimento e do conhecimento estereotipado buscou-se desenvolver ações que possibilitassem aos/às estudantes a desconstrução dessa ideia do “índio museológico” e a construção da compreensão da diversidade dos povos indígenas no passado e no presente, pois a escola é esse espaço promotor de transformação (Freire, 1996).

Tendo como problema a concepção de “índio museológico” presente entre os/as estudantes desenvolveu-se projeto pedagógico e a sua aplicação sob a justificativa de que é necessária a ação para a construção do conhecimento da diversidade e da realidade social uma vez que existe uma legislação voltada para esse tema e é necessário cumpri-la.

Nota-se que a lei 11. 645/2008 em seu Artigo 26-A determina que “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena” (Brasil, 2008). Faz-se necessário cumprir o que é colocado pela lei não só pela força da determinação legal, mas, principalmente, porque a sociedade precisa ser construída dentro do respeito à diversidade que promove a sustentabilidade na existência humana. Todas as pessoas, independentemente de seu pertencimento étnico, precisam conhecer a multiculturalidade, as características multiétnicas, históricas, sociais que fazem parte da sociedade.

Nesse tocante é importante ressaltar o que coloca Freitas (2010, p. 161):

Em síntese, nossos filhos e alunos têm o direito de saber que as pessoas são diferentes. Que o mundo é plural e a cultura é diversa. Que essa diversidade deve ser conhecida, respeitada e valorizada. E mais, que a diferença e a diversidade são benéficas para a convivência das pessoas, a manutenção da democracia, e a sobrevivência da espécie.

Esse trabalho de promover o conhecimento da diversidade histórica, social, étnica e cultural deve estar presente nas várias áreas do conhecimento, mas especificamente partindo do ensino de História que:

[...] enquanto disciplina escolar, ao se integrar à área de Ciências Humanas e suas Tecnologias, possibilita ampliar estudos sobre as problemáticas contemporâneas, situando-as nas diversas temporalidades, servindo como arcabouço para a reflexão sobre possibilidades e/ou necessidades de mudanças e/ou continuidades (Brasil, 1999, p. 41).

Dessa forma, nota-se que o ensino de História é necessário nesse contexto e partindo da abordagem sugerida e aplicada para dotar os/as estudantes de um arcabouço de informações que os leve a conhecer e questionar a realidade histórica dentro de sua diversidade, contradições, injustiças, etc. Nesse interim desenvolveu-se o projeto tendo como objetivo geral: promover a desconstrução dos estereótipos que, historicamente, representam os povos indígenas brasileiros relacionando-os a uma figura museológica, folclórica, homogênea, exótica, entre outros, e partir para a construção do entendimento de sua diversidade histórica e étnico-cultural. Como objetivos específicos: 1. Disponibilizar para os/as estudantes conteúdos e materiais de vários formatos e suportes que os levem a conhecer a diversidade dos povos originários no passado e no presente; 2. Realizar o encontro dos/as estudantes com o povo indígena Atikum da Aldeia Massapê, Salgueiro-PE; 3. Despertar nos/as estudantes a valorização e o respeito pelos povos indígenas brasileiros a partir do conhecimento de algumas de suas Histórias, Culturas, tradições, modos de vida e diversidade.

Ao desenvolver o trabalho a professora de História contou com a participação e o apoio da Gestão Escolar, da professora Onete Martins de Estudos Orientados, do professor Paulo Inácio de Artes e da professora Maria do Desterro que atua como Coordenadora da Biblioteca, nas ações que foram desde pesquisas, aulas expositivas, roda de leitura, palestra com representantes do Povo Atikum, releituras, produções e reproduções de artes, entre outros.

Ao longo do processo foi notória a surpresa de muitos/as ao perceber a realidade e a atualidade de vários povos indígenas, ao se encontrarem com representantes de um povo e ao reelaborar o seu pensamento/conhecimento. Avalia-se de modo positivo, com base nas observações, desenvolvimento de atividades e nas verificações de aprendizagem, a aplicação e o desenvolvimento do projeto pedagógico aqui apresentado.

Metodologia

O presente trabalho foi desenvolvido a partir de metodologias de ensino diversas sendo iniciado com uma avaliação diagnóstica realizada no intuito de verificar os conhecimentos prévios dos/as estudantes. A partir do resultado dessa avaliação procedeu-se as atividades na seguinte ordem: estudo dirigido do texto disponibilizado pelo livro didático acerca do tema proposto; aula discursiva com leitura e interpretação de textos, imagens e mapas; participação em palestra; roda de leitura de contos e paradidáticos; trabalhos em equipes; exposição dos trabalhos em mural no pátio da escola.

Todas as atividades foram realizadas com as turmas dos 6º Anos A e B da Escola de Referência em Ensino Fundamental e Médio (EREFEM) Professora Maurina Rodrigues dos Santos pela professora Alexsandra Oliveira de História, pela professora Onete Martins de Estudos Orientados e o professor Paulo Inácio de Artes. Houve a colaboração e a parceria da equipe da escola, da coordenação da biblioteca da escola, bem como da Gerência Regional que possibilitou o transporte de representantes do povos indígena Atikum até a EREFEM Professora Maurina e dos representantes do povo indígena citado que esteve presente na escola proporcionando troca de saberes e a construção de novos conhecimentos.

Ao longo do processo ocorreram avaliação formativas e de verificação através da observação dos/as estudantes nas atividades propostas, da realização de atividade impressa e de trabalhos em grupos. Ao final, uma roda de conversa sobre os trabalhos realizados, as experiências vividas e as aprendizagens adquiridas foi realizada como uma forma de avaliação coletiva do projeto pedagógico e do conhecimento adquirido durante as atividades.

Resultados e discussões

A concepção do projeto pedagógico aqui apresentado surgiu a partir do Currículo de Pernambuco para o 6º Ano do E.F. É parte desse documento o trabalho sobre os povos originários do atual território brasileiro contemplando os seus hábitos culturais e sociais (Pernambuco, 2018). Porém, antes de iniciar o trabalho sobre esse objeto do conhecimento e, sabendo da existência do Povo Indígena Atikum no município de Salgueiro, realizou-se uma avaliação diagnóstica com o intuito de identificar os conhecimentos prévios dos/as estudantes. Nesse momento foram exibidas imagens de pessoas indígenas em diferentes situações e espaços sendo solicitado aos/às estudantes que identificassem quais pessoas seriam ou não indígenas; quais objetos e/ou situações pertenceriam ou não à vivência de pessoas indígenas. Também, foi aplicada uma atividade impressa sobre povos indígenas do Brasil e do estado de Pernambuco buscando o registro do que os/as estudantes compreendem como pertencente e não pertencente aos povos originários.

Ao final da aula de avaliação diagnóstica foi encaminhado o estudo dirigido dos textos e imagens contidos no livro didático de História, bem como foram analisados pela professora os resultados das avaliações levando-a a observar como havia em alto grau o conhecimento estereotipado e o desconhecimento acerca da realidade histórica da diversidade dos povos indígenas sendo necessária uma intervenção maior para que houvesse a desconstrução desse “índio museológico” e a construção da compreensão da diversidade dos povos indígenas brasileiros.

Nesse contexto ressalta-se a ação de reprodução do desconhecimento e da estereotipia em relação aos povos originários como coloca Araújo (2020, p. 1):

Durante grande parte da História do ensino no Brasil, a temática indígena foi invisibilizada, ou visibilizada de modo estereotipado no contexto escolar. Desse modo, houve a contribuição para a manutenção e propagação de visões equivocadas sobre esses povos.

Nota-se, então, a necessidade de um trabalho pedagógico que possibilite a real aplicação da Lei 11.645/2008 pautando:

[...] a compreensão dos povos indígenas e suas lutas em defesa das suas formas de vidas e dos seus territórios, para a concretização da vida material de suas comunidades, assim como do convívio democrático entre indígenas e não indígenas, desconstruindo mitos e estereótipos que insistem em permanecer na sociedade brasileira e que descaracterizam as conquistas dos povos indígenas no país (Novak; Mendes, 2020, p. 3-4).

Observando a realidade e baseado nas orientações colocadas, foi elaborado o projeto pedagógico intitulado “Balaios de Histórias: do “índio museológico” à diversidade dos povos indígenas brasileiros”. Para a sua execução foram necessários materiais diversos como: o livro didático; imagens e textos; apresentações em powerpoint, computador, data show, livros paradidáticos obtidos na biblioteca da escola e no acervo pessoal da professora de História, contos impressos, mantas, balaios, mostras de arte, cartolina, pincel, tinta guache, cola, tesoura, terra, gravetos, barbantes... Múltiplos foram os recursos utilizados nas aulas, mas aqueles que certamente chamaram mais a atenção e fixaram melhor nas memórias dos/as estudantes foram os recursos humanos e materiais levados até a escola pelos representantes do povo indígena Atikum.

Ao aplicar o projeto os recursos foram sendo utilizados de acordo com o avanço de suas etapas. Inicialmente, após o estudo dirigido do conteúdo do livro didático foi realizada uma aula discursiva em que os/as estudantes puderam expor o conhecimento adquirido e, em seguida, observar e analisar novamente as imagens expostas na avaliação diagnóstica já atribuindo novos significados. Houve, também, aula expositiva/dialogada em que ocorreu a apresentação dos modos de vida dos povos indígenas na atualidade enfatizando a percepção das mudanças e permanências, bem como do ser indígena como um ser histórico e, por tanto, transformador de realidades. Foram expostas imagens de povos indígenas isolados na floresta, vivendo em aldeias com ocas tradicionais e outras com casas de alvenaria, de bairros indígenas, de lideranças indígenas como o Cacique Raoni Metuktire, a Ministra dos Povos Originários Sônia Guajajara, a ativista Sâmela Sateré Mawé, entre outros. Mapeou-se os povos indígenas

de Pernambuco, identificou-se as características de alguns deles e observou-se imagens da Aldeia Massapê e da Escola Estadual Indígena José Pedro Pereira localizadas em Salgueiro.

É urgente uma nova abordagem sobre a História e a Cultura indígenas de modo a retirar os indivíduos indígenas da inércia existente nos antigos discursos históricos e colocá-los como sujeitos, ou seja, “é preciso “recuperar o indígena como sujeito histórico e repensar a história do Brasil com a incorporação das narrativas (memórias) dos indígenas sobre os fatos/eventos” (Novak; Mendes, 2020, p. 2). Nesse sentido, foram planejadas atividades, selecionados textos, imagens e direcionados os discursos nas mais diversas atividades realizadas ao longo da execução do projeto.

No dia 19 de abril em comemoração ao dia dos Povos Indígenas as turmas dos 6º Anos A e B puderam assistir a uma palestra com a professora Graça Atikum, bem como conhecer um pouco mais sobre a realidade desse povo indígena a partir das falas de alguns/mas estudantes Atikum, da exposição de alguns objetos pertencentes a sua cultura e da apresentação da dança do Toré. Certamente esse foi um momento encantador, foi o conteúdo saindo do livro e se tornando real, palpável. Foi a materialização da desmitificação do “índio museológico”. Sem dúvidas, foi o momento mais marcante da execução do projeto.

Em sala, foi realizada uma roda de conversa sobre o momento vivenciado sendo conduzida como uma forma de socialização e de avaliação do que foi aprendido.

O passo seguinte foi o momento de conhecer um pouco sobre a literatura indígena (produzida por indígenas ou sobre eles). Para isso foi realizado previamente um levantamento na biblioteca da escola e selecionado o cervo que poderia fazer parte dessa atividade. Somado aos livros pertencentes à escola, foram colocados alguns do acervo pessoal da professora e, também, alguns contos impressos em folha A4, sempre procurando, além do texto fornecer referências iconográficas de ilustrações.

Essa aula de leitura ocorreu sob a sombra dos pés de manga que existem no espaço externo da escola. Foram estendidas no chão mantas de algodão grosso e, sobre elas, colocados balaio cheios de materiais para a leitura. Dessa forma, os/as estudantes tiveram um momento de leitura de textos e imagens sentados/as ou deitados/as sob a sombra das mangueiras e, posteriormente organizados/as em equipes, sentados/as em círculo com o balaio no centro puderam socializar as histórias que leram, as suas percepções, interpretações... É no diálogo, na troca que se constrói e se reconstrói ideias. Esse foi um momento prazeroso de relaxamento, de obter conhecimento e de socializá-lo.

Durante duas aulas de Estudos Orientados com a professora Onete e o 6º Ano A e duas aulas de História com o 6º Ano B houve a produção de cartazes em que os/as estudantes

organizados em equipes produziram materiais em cartolina expondo alguns povos indígenas brasileiros, destacaram os povos indígenas de Pernambuco, características de suas religiões, arte, modos de vida.

Considerações finais

Observa-se como a escola é importante nas dinâmicas sociais e, sendo uma instituição que age dialeticamente na sociedade, pode ser agente de reprodução e/ou de transformação. É imprescindível que haja a identificação do que deve permanecer e do que deve ser transformado.

Historicamente os povos indígenas lutam por sua existência enquanto indivíduos, território, cultura, tradições, relações com a natureza, entre tantas outras dimensões do existir. A luta desses povos galgou espaço na sociedade não indígena, na legislação e na educação. Tratar da História e da Cultura dos povos originários na educação escolar é conquista de suas lutas e é benéfico para todas as pessoas: indígenas e não indígenas.

É, então, papel da escola estar promovendo trabalhos que pautem pelo conhecimento, reconhecimento, respeito e valorização das diversidades:

A escola deve estar em sintonia com as dinâmicas sociais e por isso se mobilizar para que a Educação responda as demandas de seu tempo. Pois se na nossa sociedade a escola tem um papel privilegiado na formação humana, com a efetivação da Lei será possível no ambiente escolar conhecer, respeitar e aprender a conviver com as sociodiversidades (Silva, 2013, p. 05).

A partir dessas ponderações, pôde-se analisar a realidade do conhecimento acerca dos povos originários entre os/as estudantes dos 6º Anos A e B da EREFEM Professora Maurina Rodrigues dos Santos, diagnosticar o desconhecimento sobre o tema e o conhecimento baseado no “índio museológico”, bem como notado a necessidade de uma ação pedagógica que deu origem ao projeto que foi aqui apresentado.

No desenvolvimento dos trabalhos foram disponibilizados aos/às estudantes conteúdos sobre a temática abordada de diversas formas levando-os/as a conhecer a diversidade histórica e cultural dos povos indígenas. Também, foi proporcionado o encontro com representantes do povo indígena Atikum que foi um momento gratificante e memorável. A partir das avaliações que ocorreram ao longo do processo e ao final dele notou-se que houve o despertar para a valorização e o respeito da diversidade humana e, em específico, dos povos indígenas saindo do imaginário museológico de “índio” e partindo para compreensão da intensidade e da diversidade do ser indígena no passado e no presente.

Reconhece-se ainda que não é um trabalho concluído, mas uma etapa dele que terminou. A ação pedagógica ou da educação escolar deve ser incessante na construção de uma sociedade mais justa e isso passa, entre outros, por edificar seres que reconhecem e valorizam o outro e a si pautando no respeito pela diversidade que possibilita a sustentabilidade social e natural.

Referências

ARAÚJO, Adriana Ribeiro de. Ensino de História e Culturas Indígenas: desafios e propostas para abordagem da temática indígena na sala de aula. *In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA. HISTÓRIA E MÍDIAS: NARRATIVAS EM DISPUTA*, 12, 2020, Evento virtual. **Anais [...]**. Disponível em:

https://www.encontro2020.pe.anpuh.org/resources/anais/22/anpuh-pe-eeh2020/1602112960_ARQUIVO_b989ebe5bf53db3070b2fda690f317ac.pdf Acesso em: 30 mar. 2023.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: ensino médio: ciências humanas e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BRASIL. **Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Itamar. A Experiência Indígena no Ensino de História. *In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (coord.)*. **História: ensino fundamental**. Brasília, DF: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica, 2010.

GIROUX, H. **Teoria Crítica e resistência em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

NOVAK, Éder da Silva; MENDES, Luís César Castrillon. Ensino de História e Cultura Indígena na Escola e o papel do Professor/Historiador. **Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico de História da Uece**, v. 8, n. 15, jan.-jun., 2020.

PERNAMBUCO. **Currículo de Pernambuco**: ensino fundamental: anos finais. Recife, Secretaria de Educação, 2018.

SILVA, Edson. Dia do Índio: entre a “tribo curunais” e a “tribo carochinha”: a continuidade da folclorização da temática indígena na escola. **Revista Construir Notícias**, Recife, v. 72, p. 35-41, 2013.

Enviado em: 26/10/2024.

Aceito em: 25/02/2024.

Publicado em: 21/07/2024.